

Advento significa preparação para a vinda do Messias, na carne quente e humana de Jesus Cristo, na festa do Natal. ADVENTO simboliza, ainda, a preparação da humanidade para a chegada do Salvador do Mundo. E Ele já veio. Por isso, de si, não deveria continuar a haver um tempo do advento. O tempo da espera e das trevas já passou, e andamos à luz do Esperado que já irrompeu.

Então, por que é que ainda festejamos o advento? Não é só um rito litúrgico, e um tempo de preparação para o Natal? Não. O advento é, também, o nosso tempo, depois da encarnação de Deus. É verdade que Deus veio, de forma definitiva, para dentro de nossa pequenez, mas, apesar disso, Ele é sempre aquele que ainda deve vir, e continua a chegar para cada um e para todo o mundo.

Cada um de nós vive no Antigo Testamento de si mesmo, porque vive na imperfeição e no pecado, no desejo da redenção e na ânsia do Libertador. Os tempos messiânicos foram inaugurados com o Messias Jesus, mas não se completaram ainda.

Hoje ainda é Advento

Não é, ainda, verdade aquilo que Isaías sonhou para os tempos ridentes do Messias; o lobo ainda não é hóspede do cordeiro, a pantera não se deita ao pé do cabrito, nem o touro e o leão comem juntos; não é verdade, ainda, que a vaca e o urso confraternizam entre si, e que o leão come juntamente com o boi; não é, ainda, verdade que a criança de colo brinca junto à toca da serpente, e que o menino um pouco mais crescido, enfia a mão no buraco do escorpião (Is 11, 6-8).

Numa palavra: a reconciliação do homem com o outro homem e com a natureza é, ainda, um doloroso suspiro. Cremos que fomos libertados por Jesus Cristo, mas entretanto, sentimo-nos tão pecadores como o homem pré-cristão. Não se realizou a profecia de Jeremias para o nosso tempo: que Deus colocaria no nosso interior a sua lei santa, e que Ele mesmo a escreveria nos nossos corações (Jr 31,33).

Toda esta situação nos leva a acreditar numa coisa: hoje é ainda advento. Temos de esperar a vinda de Deus, que modificará o estado calamitoso deste mundo, realizando os sonhos dos antigos profetas, e as nossas próprias esperanças. Cada ser humano carrega dentro de si uma riqueza, que não consegue ser mostrada durante o nosso percurso terreno. Não nos realizamos, totalmente, por mais que nos esforcemos. Estamos sempre no advento de nós próprios.

Mas um dia, tudo florescerá em nós, quando Deus mesmo se nos revelar; então deixará de haver advento; será um Natal eterno; Deus terá nascido, e ter-se-á revelado, definitivamente, dentro do nosso coração. A doutrina do advento cristão professa o seguinte: que Deus se manifestou totalmente em alguém, em Jesus. Nele a espera expirou. Para nós, o advento tem, então, o seguinte significado: esperarmos e prepararmo-nos para que aquilo que se revelou em Cristo, se revele também em nós. E, enquanto isso não acontece, suplicamos como os primeiros cristãos: Vem, Senhor Jesus! Vem! É o nosso advento cristão.

Leonardo Boff

In *“Advento de nós mesmos: Hoje ainda é Advento”*

<http://www.franciscanos.org.br/?p=48849>

o presépio

Quando criança, lá em Minas, tinha inveja dos católicos. Eu era protestante, sem saber muito bem o que isso era. Sabia que, no Natal, a gente armava árvores com flocos de algodão a imitar a neve que não sabíamos o que era. Já os católicos, esses faziam presépios.

Os pinheiros eram bonitos, mas não me comoviam como o presépio: uma estrela no céu, uma choupanazinha na terra coberta de musgo, Maria, José, os pastores, ovelhas, vacas, burros, misturados com reis e anjos numa mansa tranquilidade, os campos iluminados com a glória de Deus, milhares de pirilampos a acender e a apagar as suas luzinhas, tudo por causa de uma criancinha. A contemplação de uma criancinha tranquiliza o universo. O Natal anuncia que o universo é o berço de uma criança.

Até os católicos mais humildes faziam o seu presépio. As despidas salas de visita transformavam-se em lugares sagrados. As casas ficavam abertas para quem quisesse vir juntar-se aos reis, pastores e animais. E nós, meninos, de pés descalços, andávamos de casa em casa, para ver repetidas vezes a mesma cena, e beijar a fita do estandarte na folia de Reis.

Nós também fazíamos os nossos próprios presépios. Os preparativos começavam muito antes do Natal. Enchíamos, com areia, latas de goiabada vazias, e nelas semeávamos alpista ou arroz. Passado pouco tempo começavam a aparecer os rebentos. O cenário do nascimento do Menino Jesus tinha de ser verdejante.

Sobre os rebentos verdes espalhávamos pequenos animais de celulóide. Naquele tempo ainda não havia plástico. Tigres, leões, bois, vacas, macacos, elefantes, girafas. Sem saber, estávamos a fazer a representação do sonho do profeta, ao anunciar o dia em que os leões haveriam de comer erva juntamente com os bois, e as crianças haveriam de brincar com as serpentes venenosas. Construíamos a estrebaria com pedacinhos de cana. E as figuras que faltavam, eram moldadas artesanalmente em argila.

Tinha, também, de haver um laguinho onde nadavam patos e cisnes, que era feito com um pedaço de espelho quebrado. Não importava que os patos fossem maiores que os elefantes. No mundo mágico tudo é possível. Era uma cena "naif". Um presépio verdadeiro tem de ser infantil. E as figuras mais desproporcionadas desta cena tranquila éramos nós mesmos. Porque, se construíamos o presépio, era porque nós próprios gostaríamos de fazer parte da cena. (Já com a árvore, não é possível estar dentro dela!).

Adorávamos o Menino, juntamente com os animais, as estrelas, os reis e os pastores. Será que esta história aconteceu mesmo de verdade? E da forma como vem descrita nas sagradas escrituras? As crianças sabem que isso é irrelevante. Ouvem a história e ela acontece de novo. Não precisam de explicações. Nem de interpretações. Basta-lhes a beleza da história. O belo é verdadeiro. Os teólogos que se mantenham longe do presépio. As suas interpretações só complicam o mundo.

O presépio faz-nos apetecer "voltar para lá, para esse lugar onde as coisas são sempre assim, banhadas por uma luz antiquíssima e, ao mesmo tempo, acabada de nascer. Nós também somos de lá. Estamos encantados. Adivinhamos que somos de um outro mundo." (Octávio Paz) Seria tão bom que os pais fossem capazes de contar esta história aos seus filhos!

Reflexão é de **RUBEM ALVES** e vem publicada no jornal *Folha de S.Paulo*, 23-12-2008.

Feliz Natal

VOLTAR ÀS ORIGENS NA NOITE DE CONSOADA é a viagem marcada no calendário, imposta pelo hábito e repetida pela inércia. À medida que as coisas e os lugares se encaixam cada vez menos na memória, mais intensamente os procuramos. Parte-se em busca do passado e teme-se a desilusão de não achar sinais. Mas volta-se sempre, quiçá com vontade de exumar memórias, de recuperar sonhos e afetos que nos fazem falta, como se no eterno regresso surgisse a fonte da juventude.

Todos os anos, quando Dezembro chega, o frio vem lembrar-nos a festa que se aproxima ao ritmo da nossa ansiedade, enquanto os apelos ao consumo nos seduzem, insinuando uma felicidade duradoura. Fazem-se compras sem ponderação e arquivam-se prendas à espera de destinatário. Os livros têm nesta época o lugar que mereciam durante o ano, viajam com as pessoas à espera de leitor, quedam-se em mãos que os afagam ou, simplesmente, arquivam-se no abandono da estante.

Depois de árduas discussões no seio dos casais decide-se o local da consoada em unânime contrariedade. Nunca durante o ano a diferença entre irmãos e cunhados ou pais e sogros se tornou tão nítida e fraturante.

A viagem é o regresso magoado aos locais e memórias de um tempo que já foi, por entre chuva miudinha e frio de rachar. Doem o ossos em intermináveis filas de trânsito antes de se ver iluminada a torre do campanário onde outrora soavam as horas de dias muito mais calmos.

Chega-se de noite e de mau humor com o vento gélido a arrefecer sorrisos compostos para a chegada e os quartos húmidos indiferentes aos nossos ossos e ao reumático.



A lareira é o destino e centro de um semicírculo de profundos afetos e sólidos rancores que se reúnem alinhados por ordem etária na casa dos mais velhos e são alimentados a filhós e bolos que líquidos capitosos ajudam a empurrar. É aí que se desembulham as prendas embaladas em papel reluzente com laços

artisticamente colados. Agradece-se com um sorriso de desprezo aquele presente desinteressante do parente que nos detesta. Fica-se deslumbrado com a oferta generosa que redime uma ofensa antiga e enternece-nos a simples presença de quem não pede desculpa por gostar de nós.

Recriminam-se em silêncio os ausentes pela falta que fazem e a saudade que causam e os presentes pelo incômodo que provocam e o fastio que produzem.

Quase todos se empanturram na esperança de matar de vez a fome ancestral de gerações que permanece viva na memória de quem a herdou durante séculos. Gabam-se os pastéis de bacalhau recheados de batata a tresandar a óleo, a excelência do peru



mal assado, a qualidade do polvo que saiu duro, repetindo-se discretamente a dose de bacalhau cozido, batatas e couves, regados com azeite de boa qualidade, numas merecidas tréguas ao bitoque e à pizza, enquanto se aguarda a panóplia de doces e frutos secos. São momentos para acumular prazer e peso enquanto a azia e os espasmos não devolvem o remorso e o incômodo.

Por uma noite repousam os guerreiros das batalhas adiadas do quotidiano, levam para o seio familiar uma ou outra intriga para não perderem o treino, cumprimentando-se com uma profusão de ósculos alternadamente fraternos e de circunstância. E, por entre os votos canónicos de Boas Festas, recordam-se pequenos agravos e ruminam-se vinganças por umas palavras que não caíram bem, algum insulto durante a discussão sobre a posse do relógio de ouro do avô ou aquela terrina da Vista Alegre que espalharam a cizânia nas últimas partilhas.

Sobrevive do paganismo o festejo do solstício de inverno. Fez dele a tradição judaico-cristã a festa da família. E quando a família se comporta como deve, o Natal acontece mesmo e é um suave pretexto de encontros ansiados em volta de sabores que a memória guarda e de aromas que nos transportam à infância numa viagem carregada de afetos e saudade.

Que no dia certo aconteça Natal em vossas casas, caros leitores.

Carlos Esperança

Feliz Natal. (2003). In *Pedras Soltas* – Ed. 2006 (Esgotado) – Ortografia atualizada
<http://jardimdasdelicias.blogs.sapo.pt/391834.html> (18-12-2013)

o "efeito presépio" e o valor das tradições

O presépio significa que são os últimos, os estrangeiros e os que vivem em situação irregular que reconhecem Jesus, enquanto que os governantes e residentes que vivem conforme as normas, tentam matá-lo. Exatamente como na Páscoa: os que souberam reconhecer Jesus foram uma mulher de muitos maridos, um cego portador de grave deficiência e Lázaro, um morto. Eis as categorias privilegiadas.

A opinião é do teólogo leigo italiano ANDREA GRILLO, professor do Pontifício Ateneu Santo Anselmo, de Roma, do Instituto Teológico Marchigiano, de Ancona, e do Instituto de Liturgia Pastoral da Abadia de Santa Giustina, de Pádua.

O artigo foi publicado no seu blog *Come Se Non*, 03-12-2015. (7-12-2015)



Existem NAS TRADIÇÕES LÓGICAS PROFUNDAS E COMPLEXAS, que devem ser respeitadas na sua complexidade. A tradição cristã, e em particular a católico-romana, também não foge a esta lógica. Há quase setenta anos, um pároco lançou fogo ao Pai Natal, no adro da sua Igreja, para "defender" o menino Jesus dos "cultos pagãos". Este episódio deu a Claude Lévi-Strauss ânimo para escrever um belo opúsculo intitulado "Pai Natal justificado", esclarecendo a profunda continuidade existente entre o culto pagão e o culto cristão, com base na antiga festa do Sol Invictus, onde os temas da luz, das plantas sempre-verdes e dos "velhos/mortos" e das "crianças/bebés" se entrelaçam estruturalmente.

É neste contexto, quando a polémica se torna vazia e formal, que se deve encarar o paradoxo de um prefeito como [Luca] Zaja, cuja sensibilidade para com o estrangeiro é proverbial, se tornar o "defensor do presépio", pretendendo apresentar o bispo de Pádua como um "inimigo do povo". [O prelado local, Dom Claudio Cipolla, afirmou que se poderia renunciar a algumas das "nossas tradições" ligadas ao Natal, sem especificar quais, a fim de manter a

tranquilidade nas comunidades.]

A questão decisiva em tudo isto é aquilo que, há muito tempo, eu chamo de "efeito presépio". Gostaria de tentar explicá-lo aqui, brevemente. Em todas as grandes tradições, as passagens decisivas – no nosso caso católico, o Natal e a Páscoa – tornam-se "lugares de reconhecimento", não só religioso, mas cultural e social. "Fazer o presépio" no Natal, e "visitar os sepulcros" na Páscoa, surgem como gestos identitários.

Mas, é precisamente nestas ocasiões que as tradições são postas em risco, porque concentram num único ponto todas as "mensagens" e, exatamente, por causa dessa "sobrecarga", correm o risco de perder o seu sentido.

O presépio, de forma exemplar, constitui um caso típico desta "tentação". Presépio, em latim, significa "manjedoura", e constitui a "versão de Lucas" do modo como o Salvador se revelou. Ele revela-se aos pastores, gente que vivia de forma irregular, e não aos bons e regulares fiéis do seu tempo. A tensão, neste texto de Lucas, é entre a grandeza do Senhor e a pequenez humana que apenas o pode reconhecer na irregularidade dos pastores.

Na versão de Mateus, por sua vez, a dose é ainda mais forte: a tensão é entre a estrela e os magos que a seguem, na sua condição de estrangeiros, perante a hostilidade visceral dos residentes. O "presépio", misturando todas estas mensagens, corre o risco de não aumentar, mas de diminuir a força da tradição, reduzindo-a a um "bibelô" burguês.

O presépio significa que são os últimos, os estrangeiros e os que vivem em situação irregular que reconhecem Jesus, enquanto que os governantes e residentes, que vivem conforme as normas, tentam matá-lo. Exatamente como na Páscoa: os que souberam reconhecer Jesus foram uma mulher de muitos maridos, um cego portador de grave deficiência e Lázaro, um morto. Eis as categorias privilegiadas.

Perante o "significado" do presépio, é claro que a proposta do bispo de Pádua constitui um passo em frente, e não um passo à retaguarda. Enquanto que aquilo que o governador do Vêneto apresenta como um bibelô, acaba por constituir o seu mais clamoroso desmentido e a sua própria contestação. Quem sabe se não terá chegado, também para ele, o momento da conversão?

O que o bispo de Pádua pediu, com palavras sensatas, constitui um avanço no significado autêntico do presépio. Eis as suas palavras: "Dar um passo para trás não significa criar o vazio ou favorecer intransigências laicistas, mas encontrar nas tradições que nos pertencem e alimentam a nossa fé, sementes de diálogo. Neste sentido, o Natal é um exemplo extraordinário, uma ocasião de encontro com os muçulmanos, que reconhecem em Jesus um profeta e veneram Maria". Só com um pequeno passo à retaguarda se pode dar um grande passo em frente. Na pura tradição cristã. E não é por acaso que os governantes oferecem resistência.

Advento – Natal

Contemplar o rosto da misericórdia

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar a sua síntese nesta palavra: Misericórdia. Ela tornou-se viva, visível e alcançou o seu cume em Jesus de Nazaré... Quem o vê a Ele, vê o Pai (cfr. Jn 14, 9). Jesus de Nazaré, com a sua palavra, com os seus gestos e com toda a sua pessoa, revela a misericórdia de Deus.

Temos sempre necessidade de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, de serenidade e de paz. É condição para a nossa salvação.

Há momentos em que, dum modo muito mais intenso, estamos chamados a ter o olhar fixo na misericórdia para podermos ser, também nós mesmos, sinal eficaz do agir do Pai. É por isto que anunciei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo propício para a Igreja, para que torne mais forte e eficaz o testemunho dos crentes.

De facto, abrirei a Porta Santa no quinquagésimo aniversário da conclusão do Concílio Ecuménico Vaticano II. A Igreja sente necessidade de manter vivo este evento

Os Padres reunidos no Concílio tinham percebido intensamente, como um verdadeiro sopro do Espírito, a exigência de falar de Deus aos homens do seu tempo através dum modo mais compreensível. Derrubadas as muralhas que há muito tempo mantinham a Igreja encarcerada numa cidadela privilegiada, tinha chegado o tempo de anunciar o Evangelho através dum modo novo. Um nova etapa na evangelização de sempre. Um novo compromisso para todos os cristãos a fim de testemunharem, com maior entusiasmo e convicção, a própria fé. A Igreja sente a responsabilidade de ser, no mundo, sinal vivo do amor do Pai.

O Espírito Santo, que conduz os passos dos crentes para que cooperem na obra da salvação realizada por Cristo, seja guia e apoio do Povo de Deus para o ajudar a contemplar o rosto da misericórdia.

Papa Francisco, *Misericordiae Vultus* 1-4

Bula convocatória do Jubileu da Misericórdia